



REPAM

RED ECLESIAL PANAMAZÓNICA

fFuente de vida en el corazón de la Iglesia

CESTA AMAZÔNICA ESMDUL

RED ECLESIAL PANAMAZÓNICA

fFuente de vida en el corazón de la Iglesia



REPAM

RED ECLESIAL PANAMAZÓNICA

fuentes de vida en el corazón de la Iglesia

GESTA AMAZÔNICA

ESMDUL

RED ECLESIAL PANAMAZÓNICA

fuentes de vida en el corazón de la Iglesia

Apresentação

O QUE É A CESTA AMAZÔNICA?

A Cesta Amazônica é uma caixa que contém ferramentas que estão sendo colocadas à disposição, como insumos, para os agentes de pastoral que se encontrem no território amazônico e que possam necessitar de materiais simples para uma vinculação mais efetiva entre sua atividade evangelizadora e seu papel ativo na sociedade. Essa é uma iniciativa construída coletivamente para a transformação pastoral, a partir de experiências e materiais valiosos, além de servir para o aprofundamento e para a reflexão em torno de temas prioritários para a compreensão da realidade.

Objetivo geral

- Acompanhar agentes pastorais e suas comunidades, nos lugares mais variados da Pan-Amazônia

Objetivos específicos

- Aplicar uma articulação ativa para a construção de uma Igreja irmã e próxima das necessidades da realidade local, mas com consciência integral da região Pan-Amazônica e seus desafios atuais.
- Contribuir com insumos para os agentes pastorais a fim de construir ou atualizar planos da pastoral em suas comunidades o actualizar planes de pastoral en sus comunidades
- Adaptar os conteúdos de formação pastoral aos contextos e às necessidades dos respectivos territórios.

Agradecimentos

O presente módulo foi elaborado graças a um exercício coletivo de colaboradores da 'Red Eclesial Panamazónica (REPAM)'.

Agradecemos em especial às pessoas que colocaram todo o seu esforço e experiência nos conteúdos deste módulo:

Luis Ventura Fernández

Os megaprojetos e as atividades extrativas na pan-amazônia

CONTEMPLAR

No solo se constrói um espaço simbólico com elementos da natureza local: tecidos naturais, terra, água, objetos de barro e cerâmica, instrumentos musicais, artesanato, plantas, ... as pessoas fazem um círculo ao redor desse espaço simbólico, enquanto escutam, em atitude de contemplação, a canção "Mãe Terra", do grupo brasileiro Imbaúba.

Dialogamos com a pessoa que está ao nosso lado: que significa para nós a frase "Somos parte da terra, a terra é parte de nós; um é a extensão do outro, não vivemos sós"?

Concluimos esta parte com um gesto simbólico de tomar a terra nas mãos e passá-la ao colega, como símbolo de pertencimento comum, de respeito e de ação de graças.

VER (ABRIR OS OLHOS)

Grandes projetos e modelo econômico

Sobre a região amazônica, impõe-se uma forma de aproveitamento de seus bens naturais que podemos chamar modelo extrativo-exportador. Isto é, um modelo econômico que se baseia, principalmente, em extrair bens naturais em grande escala com o objetivo de exportá-los para fora da região: seja para outras zonas do próprio país, para contribuir com

seu desenvolvimento urbano, industrial e tecnológico; ou seja para fora do próprio país.

Porém, este modelo é novo na Amazônia? Não, na verdade este modelo acompanhou todo o processo de colonização na região amazônica e no conjunto da América Latina. Podemos dizer que o projeto colonial sobre Amazônia se construiu sobre três pilares fundamentais:

- * A necessidade de controle e domínio do território por parte das metrópoles;
- * A percepção de um espaço vazio que devia ser ocupado;
- * E a perspectiva de uma fonte inesgotável de bens naturais que podiam ser explorados e levados para as metrópoles. Produto como as especiarias, o ouro ou a borracha marcaram historicamente a vida nesta região.

Portanto, o modelo extrativo-exportador não é novo na Amazônia. Porém, é necessário que compreendamos que este modelo econômico funciona em forma de ciclos históricos. Isto é, momentos de auge (de muita intervenção de fora para explorar uma grande quantidade de bens naturais) e momentos de declive (nos quais as regiões afetadas ficam esquecidas e decaem social e economicamente). Em alguns lugares da Amazônia isto se conhece como momentos de boom ou de febre: a febre do ouro, do diamante, da borracha, ... Por que isto funciona assim? Porque em determinados momentos da História, extrair e circular um bem natural pode ser estratégico para o Mercado global e se colocam todos os esforços em extrair a maior quantidade desse bem no menor tempo possível; uma vez que passa esse momento crítico, o que decai seu preço no mercado ou que se encontra outra jazida mais acessível, o momento de febre decai e os grupos econômicos e empresas que tinham chegado a essa zona se marcham ou reduzem muito sua atividade.

Diálogo: Deu-se esta situação em nossa região em algum momento da História?

Antes de continuar, podemos nos perguntar também se todo tipo de extrativismo de bens naturais tem os mesmos impactos sobre a vida das pessoas e da Casa comum que habitamos.

Porque todos os povos, de uma ou outra forma se servem dos bens que encontram em seu entorno para poder viver.

Evidentemente, há diferentes formas de extrativismo, dependendo do destino que se dá a esses bens extraídos e da magnitude de nossa atividade, como podemos ver no quadro seguinte, elaborado pelo Centro Latino-Americano de Ecologia Social – CLAES:

Destino Comercial	Volumen/Intensidad de la extracción		
	Bajo	Medio	Alto
Local	Cultivo campesino de alimentos para autoconsumo	Tala de bosque nativo para obtener leña	Captura de agua para riego local y doméstico
Nacional	Fibras vegetales para cestería, techos,...	Frutas y verduras convencionales para mercados nacionales	Arenas para construcción
Exportación	Alimentos orgánicos	Flores de invernadero	Minería, hidrocarburos, monocultivo de exportación, madera, turismo de masas.

O quadro inferior à direita, que aparece sombreado, é o que caracteriza um modelo extrativo-exportador, em grande escala, no qual operam fundamentalmente empresas médias e grandes e o próprio Estado.

A questão fundamental que precisamos compreender agora é que atualmente estamos vivendo na Amazônia um novo momento de auge deste modelo de exploração dos bens naturais para exportação. A partir da década de 70 do século passado,

e de modo particular na primeira década do século XXI, a extração de bens naturais da Amazônia por parte de grandes grupos econômicos e com o objetivo de vendê-los fora da região cresceu exponencialmente. E é aqui onde situamos o tema dos Megaprojetos ou Grandes Projetos e seus impactos na vida das comunidades e povos da Amazônia.

A que Grandes Projetos nos referimos?

Em primeiro lugar, as atividades extrativas tradicionais, que são as relacionadas com minerais e combustíveis fósseis, como o petróleo, o carvão e o gás. O modelo produtivo capitalista é muito dependente destes bens que, justamente, são os que não dispõem de uma condição de regeneração natural. As atividades vinculadas aos combustíveis fósseis estão diretamente relacionadas com os maiores impactos socioambientais, pela envergadura de suas operações, e com a emissão de gases de efeito estufa causantes do chamado aquecimento global.

Isto é particularmente agravado pelo modelo de desenvolvimento baseado no uso intensivo de combustíveis fósseis (...), LS, 23.

Sabemos que a tecnologia baseada nos combustíveis fósseis – altamente poluentes, sobretudo o carvão, mas também o petróleo e, em menor medida, o gás – deve ser, progressivamente e sem demora, substituída. LS, 165



Estes bens não renováveis têm em comum que se encontram, fundamentalmente, em jazidas situados no subsolo.

Sua extração ocasiona, evidentemente, impactos sobre a superfície. Em todos os países da América Latina existe uma diferenciação entre a propriedade do solo e a do subsolo.

O solo pode ser propriedade pública, particular ou comunitária, como é o caso das terras onde vivem comunidades indígenas, camponesas ou de pescadores. Já o subsolo normalmente é titularidade do Estado, precisamente para controlar a extração destes bens estratégicos, independentemente dos direitos que os grupos sociais e as comunidades tenham sobre a superfície.

Em segundo lugar, as atividades que se relacionam com o extrativismo de bens florestais ou com o novo sistema agroalimentar. Neste campo, podemos encontrar atividades como: exploração ilegal de madeira; concessões sobre a biodiversidade das florestas primárias e secundárias para indústrias como a madeireira, farmacêutica ou cosmética; e a expansão de grandes áreas para a criação de gado e o plantio de monoculturas para exportação (soja, milho, azeite de dendê e outros).

Em terceiro lugar, para que estas atividades extrativas possam desenvolver-se, é necessária a construção de grandes projetos de infraestrutura que são pensados não para as comunidades locais, e sim para facilitar a vida dos grandes empreendimentos econômicos. Estamos nos referindo, por exemplo, a:

- * Grandes centrais hidroelétricas e termoelétricas;
- * Grandes estradas atravessando a floresta para facilitar o acesso e a saída de bens naturais para os portos exportadores;
- * Vias de transporte de bens naturais, como minerodutos, oleodutos e gasodutos;
- * Portos, hidrovias e aeroportos, concebidos para a saída dos bens.

Alguns subsídios para aprofundar na compreensão destas problemáticas:

Vídeo “O que é o neoextrativismo?”, 3:58 minutos. Endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=hkkT8YO0mGc>

Vídeo “As presas afogam o Amazonas”, 1:35 minutos. Endereço: https://www.youtube.com/watch?time_continue=95&v=D0hPDys4n_k

Vídeo “Igrejas e mineração na América Latina”, 24:32 minutos. Endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=I1Qvgct-nbck>

Estes Grandes Projetos de infraestrutura de energia, transportes e comunicação não estão desconectados entre si; ao revés, há uma profunda inter-relação entre eles. A produção de energia e a conexão de sistemas diversos de transporte (fluvial, terrestre e aéreo) têm um objetivo fundamental: facilitar o acesso das grandes empresas aos territórios amazônicos e a saída de bens naturais primários para os grandes portos exportadores nas beiras dos oceanos Atlântico e Pacífico. Isto é o que o sistema econômico chama de “inserção da Amazônia na economia mundial”: servir – ou melhor, continuar servindo – como armazém e abastecimento de bens primários para o crescimento econômico dos principais centros urbanos e industriais do mundo.

Este é o principal objetivo da chamada Iniciativa pela Integração da Infraestrutura Regional de Sul-América – IIRSA.

¿O que é o IIRSA?

É um Acordo entre os 12 países de América do Sul para integrar os projetos de energia e transporte: hidroelétricas, estradas, portos, postos fronteiriços...

¿Que pretende?

Integrando os diversos projetos de infraestrutura, pretende facilitar a saída de produtos e bens de América do Sul a partir dos dois oceanos (Pacífico e Atlântico) para que possam chegar aos centros econômicos de Europa e EUA.

¿Tem impacto sobre a Amazônia?

Sim. Boa parte dos projetos de hidroelétricas, estradas, portos, aeroportos e postos fronteiriços que estão se construindo atualmente na Amazônia estão dentro da iniciativa IIRSA. A ideia é que minerais, petróleo, gás, soja, carne e outros bens possam sair da Amazônia em direção aos centros econômicos⁴

¿Onde podemos nos informar melhor?

Em sua página institucional (<http://www.iirsa.org/>) e na de organizações sociais de nossos países que vêm alertando sobre os impactos destes grandes projetos.

¿Como funciona?

Divide o espaço de América do Sul no que chama Eixos de Integração e Desenvolvimento – EID e neles conecta projetos de energia e de transporte. Na região amazônica, IIRSA definiu três EID: Amazonas, Escudo das Guianas e fronteira Brasil-Peru-Bolívia

Diálogo: Existem grandes empreendimentos extrativos e econômicos em nossa região? Foram construídos ou há previsão de construção de grandes projetos em nossa zona? Tínhamos ouvido falar de IIRSA?

É muito importante estar atentos ao discurso e ao relato que estes Grandes Projetos reproduzem quando chegam a uma região, porque a construção de narrativa é uma das principais ferramentas para ganhar legitimidade e aceitação em meio da sociedade local e para gerar divergências e divisões dentro de muitas comunidades.

Normalmente, estes empreendimentos econômicos se apresentam como a oportunidade para o “desenvolvimento” e como o único caminho possível, desejável e que vale a pena. Em seu relato prometem um crescimento econômico importante na região, a criação de postos de trabalho e um impacto mínimo sobre o meio ambiente.

Sua linguagem técnica – incompreensível – e prometedora de um futuro melhor – atrativa – acaba tendo um efeito de aceitação nas comunidades locais e, principalmente, na sociedade dos centros urbanos da região onde vão se instalar.

Estes são assim, porque no ambiente das cidades o discurso do “desenvolvimento” é mais bem acolhido, muitas vezes sem considerar os problemas que isso pode trazer, de modo imediato, às comunidades que vivem no interior e, a meio prazo, aos próprios centros urbanos. Por isso, é necessário que a sociedade dialogue sobre estes empreendimentos e que Estado e empresas cumpram sua obrigação de transparência e veracidade nas informações que levam à comunidade.

A previsão do impacto ambiental dos empreendimentos e projetos requer processos políticos transparentes e sujeitos a diálogo, enquanto a corrupção, que esconde o verdadeiro

impacto ambiental dum projeto em troca de favores, frequentemente leva a acordos ambíguos que fogem ao dever de informar e a um debate profundo, LS, 182.

É sempre necessário alcançar consenso entre os vários atores sociais (...) Mas, no debate, devem ter um lugar privilegiado os moradores locais, aqueles mesmos que se interrogam sobre o que desejam para si e para os seus filhos e podem ter em consideração as finalidades que transcendem o interesse económico imediato, LS, 183

Portanto, é necessário manter um olhar crítico e consciente. A experiência na maior parte dos locais da Amazônia onde estes Grandes Projetos se implantam nos diz que o discurso positivo destes grandes empreendimentos não tem relação com a realidade: os postos de trabalho prometidos são temporários e, uma vez que finalizam, as pessoas ficam na rua; os grandes projetos mobilizam milhares de pessoas que, ao concluir as obras, tentam seguir uma vida digna nos cinturões das periferias de nossas cidades; os impactos sociais e ambientais dos projetos permanecem por muito mais tempo que os benefícios de curto prazo que parecem trazer; as comunidades locais muitas vezes não são beneficiadas por abastecimentos de energia ou estradas que foram concebidos para a atividade extrativa e não para a vida das pessoas da região.

JULGAR (ABRIR O CORAÇÃO)

Propomos fazer o Julgar em dois tempos:

Primeiro momento. No período que vai do primeiro encontro ao segundo, socializamos a informação recebida no Ver com outros grupos da comunidade onde tivermos acesso: escolas, sindicatos, organização social, Universidade.

Segundo momento. Ao começar o segundo encontro. A dinâmica de trabalho para o Julgar seria a seguinte:

1. Sobre o espaço místico utilizado no primeiro dia escrevemos em pequenos papéis palavras, frases, dados, ... que escutam e dialogamos durante o momento do Ver. É uma forma de fazer Memória do primeiro encontro.
2. Em grupos, dialogamos sobre os textos propostos a seguir. Cada grupo pode dialogar com um dos textos propostos e depois colocamos em comum. Todos os grupos refletem também sobre o texto evangélico Juan 10, 1-10. 7

Textos propostos

* Solidariedade é pensar em termos de comunidade, de prioridade de vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns. Lutar contra as causas estruturais da pobreza, da desigualdade, da falta de trabalho, da terra e da moradia, da negação dos direitos sociais e trabalhistas. É enfrentar os destruidores efeitos do Império do dinheiro: os deslocamentos forçados, as emigrações dolorosas, o tráfico de pessoas, a droga, a guerra, a violência e todas essas realidades ... A solidariedade, entendida em seu sentido mais profundo, é um modo de fazer história e isso é o que fazem os movimentos populares. Um sistema econômico centrado no deus dinheiro necessita também saquear a natureza para sustentar o ritmo frenético de consumo que lhe é inerente. (Francisco, Roma, outubro 2014)

* Pela economia ao serviço dos povos. Digamos NÃO a uma economia de exclusão e inequidade. Essa economia mata. Essa economia exclui. Essa economia destrói a Mãe Terra. Um sistema que além de acelerar irresponsavelmente os ritmos de produção, além de implementar métodos na indústria e na agricultura que danificam a mãe terra em aras da

“produtividade”, segue negando a bilhões de irmãos os mais elementares direitos econômicos sociais e culturais. Este sistema atenta contra o projeto de Jesus. Contra a boa nova. A casa comum de todos nós está sendo saqueada, devastada, alvejada impunemente. A cobardia em sua defesa é um pecado grave. Existe um claro, definitivo e impostergável imperativo ético de atuar que não se está cumprindo. Não se pode permitir que certos interesses –que são globais, mas não universais– se imponham, submetam aos Estados e organismos internacionais, e continuem destruindo a criação. O futuro da humanidade não está unicamente em mãos dos grandes dirigentes, as grandes potências e as elites. Está fundamentalmente em mãos dos Povos. (Francisco, Santa Cruz, julho 2015)

* Reafirmamos como a imposição do modelo extrativo, promovido pelas grandes corporações, as economias globais e com a complacência de quem governa nossos Estados Nacionais, longe de contribuir ao bem-estar de todos e todas, incrementa as desigualdades, as violações a Direitos Humanos individuais e coletivos, a divisão da família Latino-americana e de nossas comunidades, a destruição de zonas privilegiadas por sua riqueza de bens naturais e a diversidade biológica de nosso continente.

Com tristeza, reconhecemos como junto às graves violações aos Direitos Fundamentais dos povos de nossa América agudizou a crise ecológica causada por um modo de vida consumista e mercantilista de bens e um modelo extrativo que não reconhece nem respeita os limites de nosso planeta e que, além de fragmentá-lo e acelerar sua degradação e vulnerabilidade, está convertendo em mercadorias os territórios de nossos povos originários, os minerais, a biodiversidade, os combustíveis fósseis e o gás natural, a energia eólica, da água e do sol e demais Bens Naturais.

Tudo isso, nosso Deus Criador nos entregou para o sustento da vida, assim como para seu desfrute e bem-estar coletivo, e não para o enriquecimento desmedido, que desconhece os direitos coletivos que compartilhamos entre todos os seres humanos que habitamos este planeta, neste momento histórico, assim como também a responsabilidade solidaria de entregar a nossas futuras gerações um mundo melhor, como o que recebemos. (Carta Encontro Igrejas e Mineração)

* Vocês, brancos, dizem que nós, Yanomami, não queremos o desenvolvimento. Falam isso porque não queremos a mineração em nossas terras, mas vocês não estão entendendo o que estamos dizendo. Nós não somos contra o desenvolvimento: nós somos contra apenas o desenvolvimento que vocês, brancos, querem empurrar para cima de nós. O desenvolvimento que vocês falam em nos dar não é o mesmo que conhecemos: vocês falam em devastar a nossa terra-floresta para nos dar dinheiro, falam que somos carentes, mas esse não é o desenvolvimento que nós conhecemos. Para nós desenvolvimento é ter nossa terra com saúde, permitindo que nossos filhos vivam de forma saudável num lugar cheio de vida. Carta da Associação Hutukara Yanomami – HAY/Brasil

* O teólogo Jürgen Moltmann disse que depois da guerra não se pode falar de Deus se não é a partir da cruz (da esperança). Agora dizemos: não se pode falar de Deus se não for partindo do "oikos", da casa, que está ameaçada pela forma como alguns que estão no poder político atuam. Porque a recebemos como espaço de vida e de convivência, e a transformaram em espaço de morte pela sobre-exploração dos chamados recursos naturais. Então, falar de Deus hoje, é falar a partir deste lugar, do lugar da casa, da oikos, da criação, e por isso, nós partimos por olhar a toda a criação desde outro ponto de vista que não seja exclusivamente de homens e mulheres, exclusivamente antropocêntrico, mas muito mais amplo de reconhecer a toda a criação dotada de grande valor.

Entrevista a Moema Miranda

* Números do Documento de Aparecida: 66, 72 e 83-86.

* Números da Encíclica *Laudato Si'*: 2; 13-14; 20-29; 32-33; 37-38; 51-52; 65; 93-95; 141-143; 165; 182-188; 228-232.

* A expansão do grande capital na exploração da Amazônia, mediante a extração mineral, expansão agropecuária, construção de estradas, hidroelétricas e empresas madeireiras exige da Igreja uma maior presença profética.

É preciso um maior esforço na luta contra o neocolonialismo e o neodesenvolvimentismo vigentes. Ao valorizar as culturas amazônicas e ao nos comprometermos por uma evangelização inculturada, combatemos o neocolonialismo. A urgência do chamado pela defesa do meio ambiente e da vida dos povos dessa região veio da constatação dos impactos da implantação de projetos macroeconômicos (...)

Denunciamos esses projetos, sua busca de lucro a qualquer custo, e seus efeitos destrutivos que põem em risco a vida dos povos da Amazônia. Denunciamos a postura inescrupulosa daqueles que definem as estratégias político-econômicas com uma concepção colonialista de um progresso que tenta subjugar à Amazônia.

Denunciamos, igualmente, a inequidade de uma mentalidade científica e civilizatória que menospreza e manipula os saberes dos povos autóctones e justifica sua prepotência para a exploração sem limites de todo meio natural, extraíndo e destruindo sus recursos, verdadeiros dons do Deus Criador. (Carta Pastoral REPAM)

Perguntas orientativas para os grupos de diálogo do Julgar

- * Qual é a principal mensagem do texto? Como ilumina o tema dos Grandes Projetos sobre a Amazônia?
- * De que modo o princípio do bem comum interpela o modelo econômico extrativo-exportador?
- * Como percebo a diferença entre a cultura de domínio sobre a Casa Comum e a de cuidado da Casa Comum?
- * Como habitar a terra que nos cuida? Que significa a abundância na Amazônia? Acumulação de bens ou abundância de vida?

ATUAR (ASSUMIR A HORA)

Que posso fazer eu? Podem fazer muito. Me atrevo a dizer-lhes que o futuro da humanidade está, em grande medida, em suas mãos, em sua capacidade de organizar-se e promover alternativas criativas e também em sua participação como protagonistas nos grandes processos de mudança. Não se apequenem!

Francisco, Santa Cruz, julho 2015

Propomos um trabalho em grupos, com as seguintes questões:

- 1) Que compromissos concretos podemos assumir diante desta realidade em nossa comunidade (eclesiástica e/ou social)? Definir 02 compromissos concretos para este próximo ano.
- 2) Com que outros atores sociais, comunidades, povos, or-

ganizações sociais e entidades podemos dialogar e somar esforços em nossa realidade mais próxima?

Que passos concretos nos propomos a dar para esse diálogo.

3) Que ações de incidência política podemos promover nas instâncias do Poder Público (local, regional, nacional e internacional) frente aos impactos dos Grandes Projetos em nossa região? Definimos ao menos 01 ação para este próximo ano.

CELEBRAR (DEFENDER A VIDA, E A VIDA EM ABUNDÂNCIA)

* Para a avaliação. Pequeno diálogo ou preenchendo uma ficha que será entregue a cada participante, com as questões:

- o Não sabia que
- o Ficou claro que
- o Ainda tenho dúvidas sobre ...
- o Este tema iluminou a realidade onde vivo.

* Para o envio final. Propostas de músicas: Gracias a la vida, de Mercedes Sosa; Sólo le pido a Dios; outras regionais que as pessoas conheçam.

Módulos da Cesta Amazônica:

1. Território:

- a. Língua materna e território: "Minha voz"
- b. Educação tradicional no território
- c. Leis de proteção do território: "Mandatos de Salvaguarda de Nossos Territórios"
- d. Desterritorialização: "Deslocamento forçado de povos ou comunidades de seus territórios".
- e. Ecossistema – calendário tradicional – trabalhos comunitários – técnicas de produção: "Nossa vida no território".
- f. Saúde: "O bem viver das nossas comunidades"

2. Espiritualidade:

- a. A espiritualidade fonte de vida
- b. Mitos: palavra sagrada que explica a essência da vida
- c. Ritos: "As celebrações rituais dinamizam e harmonizam a vida dos povos"
- d. Sinais, símbolos e pinturas – expressão da identidade cultural
- e. Cantando e dançando alegramos a vida
- f. Lugares e templos sagrados, espaços de defesa e proteção espiritual
- g. Tempo e espaço relação íntima e profunda com as realidades do ser humano
- h. O conhecimento ancestral fonte de saúde e vida
- i. Deus fala conosco nos sonhos
- j. Os valores resistência e projeção dos povos

3. Organização:

- a. Minha primeira organização (a família)
- b. A transmissão oral de nossas comunidades
- c. Governo de nossas comunidades
- d. Valorizando nossas leis comunitárias
- e. Os líderes, nossos orientadores
- f. Nossa relação com outros povos

4. Água e Pan-Amazônia

5. Biodiversidade na Pan-Amazônia

6. Evangelii Gaudium

a. Parte I

b. Parte II

7. Pastoral Itinerante

a. Parte I

b. Parte II

8. Doutrina Social da Igreja

a. Parte I

b. Parte II

9. Os megaprojetos e as atividades extrativistas na Pan-Amazônia

Para mais informações e acesso aos módulos, visite:

www.redamazonica.org



REPAM

RED ECLESIAL PANAMAZÓNICA

fuentes de vida en el corazón de la Iglesia



RED ECLESIAL PANAMAZÓNICA

fuentes de vida en el corazón de la Iglesia